

- no Brasil I. *Cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. São Paulo, Companhia das Letras. 1997, 221-270.
- VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos Pecados. Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro, Editora Campus Ltda. 1989.
- WERZ, Nikolaus. *Das neuere politische und sozialwissenschaftliche Denken in Lateinamerika*. Freiburg (Breisgau), Arnold-Bergstraesser-Institut 1991.
- WHORF, Benjamin Lee. *Sprache, Denken, Wirklichkeit. Beiträge zur Metalinguistik und Sprachphilosophie*. Reinbek bei Hamburg, Rowohlt 1978.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Über Gewissheit*. Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag 1971.
- ZENHA, Celeste. "Casamento e ilegitimidade no cotidiano da justiça". In: VAINFAS, Ronaldo. *História e Sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro, Edições Graal Ltda. 1986, 125-141.

Vestígios turcos no ensino de alemão como língua estrangeira

Ruth Bohunovsky*

Abstract: Foreign immigration has become a very controversial subject in German speaking countries. This essay stresses the need to consider the problem in German language teaching in Brasil and to make the pupils aware of the situation. Proceeding on the theoretical context of the discourse analysis (Pêcheux, 1969; Orlandi, 1990 und 1999), the author discusses four newspaper articles, published between 1999 and 2001, on different aspects of Turkish immigration to Austria and discusses about the Interlocutionary Position (*lugar de interlocução*, Pêcheux, 1969) of Turks in Austria.

Keywords: German as a foreign language in Brazil; Turkish immigrants in Austria; xenophobia; Austria's history and politics in German language teaching

Zusammenfassung: Die Immigration von Ausländern ist in deutschsprachigen Ländern ein zunehmend umstrittenes Thema. Dieser Aufsatz zeigt die Notwendigkeit, diese Situation zu thematisieren, wenn in Brasilien Deutsch als Fremdsprache unterrichtet wird, um die Schüler für die Problematik zu sensibilisieren. Ausgehend vom theoretischen Kontext der Diskursanalyse (Pêcheux, 1969; Orlandi, 1990 und 1999) analysiert die Autorin vier Zeitungsartikel der Jahre 1999 bis 2001, die sich mit verschiedenen Aspekten der türkischen Immigration in Österreich beschäftigen, und regt eine Diskussion über den Interlokutionsort (*lugar de interlocução*, Pêcheux, 1969) der Türken in Österreich an.

Stichwörter: Deutsch als Fremdsprache in Brasilien; türkische Immigranten in Österreich; Ausländerfeindlichkeit; österreichische Geschichte und Politik im Fremdsprachenunterricht.

* A autora é pos-graduanda na área de Tradução, em nível de doutorado (bolsista da CAPES), no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). O presente trabalho é resultado de uma Qualificação na Área de Língua Estrangeira, com Dra. Carmen Zink Bolognini.

Palavras-chave: Alemão como língua estrangeira no Brasil; imigrantes turcos na Áustria; xenofobia; história e política austríaca no ensino de língua estrangeira.

1. Introdução

Este trabalho tem o objetivo de analisar o lugar de interlocução (LI) (Pêcheux, 1969) – isto é, o lugar que um sujeito ocupa na cadeia discursiva – dos imigrantes turcos na Áustria dentro do discurso xenófobo – que considero representativo para uma parte da população austríaca – e relacionar tal análise ao processo de ensino/aprendizagem de alemão como Língua Estrangeira (LE) para brasileiros. Basearei este artigo no aparato teórico da Análise de Discurso (AD) de linha francesa, pois é ela que “permite a reflexão sobre a linguagem levar em conta as especificidades histórico-políticas dos diferentes contextos em que se desenvolve” (ORLANDI 1990: 33). Para minha análise do atual LI dos imigrantes turcos na Áustria, dentro de um discurso que adere a uma ideologia xenófoba, discutirei também as concepções – estreitamente interrelacionadas – de sujeito, de ideologia e de discurso que são imprescindíveis para poder examinar o LI.

Em várias publicações, Carmen Z. BOLOGNINI mostra a importância de levar em consideração a constituição histórica do sujeito no contexto de ensino/aprendizagem de uma LE e se refere, sobretudo, às relações de contato entre brasileiros e alemães e a seus respectivos lugares de interlocução, definidos pela história (cf., p. ex., 1996, 1999a, 1999b). A autora argumenta que existe uma relação desigual entre o LI dos alemães e o dos brasileiros, que se teria estabelecido através e por causa da história colonial brasileira e do Discurso Fundador¹ que definiu, para essas duas nações, seus LIs: para o brasileiro, “como fazendo parte do grupo dos países a serem os colonizados” e, para o alemão, “como fazendo parte dos países a serem os colonizadores” (1996: 864). BOLOGNINI argumenta que seria por causa das histórias diferentes dos seus respectivos países

¹ Ecoando ORLANDI (1992), BOLOGNINI (1996: 864) define o Discurso Fundador como sendo aquele que instaura “um processo de significação para uma cultura, para uma raça, para uma nacionalidade, instalando as condições de formação de outros discursos”.

de origem que, comumente, em situações de contato, os alemães falam a partir de LI privilegiados, enquanto os brasileiros se encontram em LI menos valorizados. O processo de ensino/aprendizagem é visto pela autora como um período no qual o aprendiz de uma LE entra em contato com uma outra cultura, com uma outra história e com sujeitos que falam a partir de outros LIs. Dessa maneira, é na sala de aula que questões sócio-históricas, e conseqüentemente políticas, das duas respectivas culturas deveriam ser analisadas e discutidas. Conforme BOLOGNINI, “seria desejável que o contato com uma outra história, com uma outra cultura por meio da Língua Estrangeira promovesse modificações no LI dos sujeitos aprendizes, e cabe a nós, professores de LE, analisarmos e revermos criticamente nosso papel nesse processo” (1999a: 330). Embora considero pouco provável que uma mera conscientização em sala de aula possa alterar, significativamente, o LI de sujeitos envolvidos em múltiplas relações de poderes e discursos, o ensino de uma LE oferece, sem dúvida, espaço não apenas para discutir aspectos rigorosamente lingüísticos das respectivas línguas, mas, também, questões sócio-históricas, políticas, culturais e ideológicas.

A partir das reflexões de BOLOGNINI sobre as relações entre brasileiros e alemães e a importância de levá-las em consideração no processo de ensino/aprendizagem de uma LE pretendo discutir as conseqüências do fato de que na Áustria e na Alemanha de hoje uma boa parte da população é constituída por estrangeiros, sobretudo por turcos. Considero pertinente uma discussão sobre o seu LI nesses países, uma vez que um aprendiz de alemão como LE, ao visitar a Áustria (ou a Alemanha), teria, muito provavelmente, contato com membros desse grupo étnico ou, pelo menos, com as discussões polêmicas que existem nesse país em relação a ele.

Cada sujeito ocupa, numa situação de contato, um determinado LI que é definido pelo discurso e pela ideologia que, por sua vez, são resultados da história. O LI de um sujeito é constituído por vários determinantes, como, para citar apenas alguns, seu gênero, sua classe social, sua idade, sua orientação sexual, o grau de escolaridade, e, também, pela sua nacionalidade. Ao refletirmos sobre essas relações e determinações, “sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo” (ORLANDI 1999: 9), podemos desenvolver uma “relação menos ingênua com a linguagem” (ibid.) e colocar questões sobre o que produzimos e o que ouvimos nas diferentes manifestações de linguagem. A partir de alguns artigos de um jornal austríaco, pretendo desenvolver, neste artigo, uma reflexão crítica sobre a possível construção do LI dos imigrantes turcos na Áustria.

2. Metodologia do trabalho

Os dados em que basearei minha argumentação provêm do *Neue Kronen Zeitung*, o jornal popular austríaco com a maior tiragem diária. São artigos que escolhi com o critério da sua temática, ou seja, eles tratam de assuntos relacionados à presença dos turcos na Áustria e das supostas relações sociais, das “relações de força”, entre austríacos e imigrantes turcos – isto é, o lugar do sujeito dentro de uma sociedade hierarquizada (ORLANDI 1999: 39).

Gostaria de ressaltar que não existe apenas UM discurso sobre os imigrantes turcos naquele país ou na Alemanha – uma análise de artigos de outros jornais menos populares (p. ex., *Der Standard*, *Die Presse*, a revista semanal *Profil*) permitiria avaliações diferentes das minhas. Assim, o discurso defendido pelo jornal *Neue Kronen Zeitung* não deve ser visto como o dominante no contexto geral das mídias do país, nem é representativo para a visão dos austríacos em geral. No entanto, baseio a seguinte análise quase exclusivamente em artigos do referido periódico por considerá-lo representativo para examinar o discurso xenófobo, existente na Áustria, em relação aos imigrantes. Uma vez que o espaço limitado deste artigo não permite uma análise abrangente dos vários discursos que podem ser observados a esse respeito, concentro-me no discurso xenófobo que, apesar de não ser dominante, pode ser definido como marcante e influente nas discussões políticas e sociais atuais na Áustria, na Alemanha, assim como na maioria dos outros países da União Européia.

3. Sujeito, discurso e ideologia

Ecoando PÈCHEUX (1990: 82), pode-se definir o conceito de lugar de interlocução como as “representações” ou “formações imaginárias” que designam o lugar que dois sujeitos se atribuem cada um a si e ao outro, “a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”. O lugar de interlocução de um sujeito é “historicamente definido por meio do discurso” (BOLOGNINI 1996: 864). A partir da visão da Análise de Discurso, o discurso é definido como a materialização do contato entre o ideológico e o linguístico (ORLANDI 1990: 26) e também como o “efeito de sentido entre locutores” (ORLANDI 1999: 21). Em

outras palavras, é no discurso que se dão os sentidos e o discurso depende da ideologia e do sujeito, pois “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (ibid.: 17). Sem discurso não há sentido, pois é o discurso – e a formação discursiva² – que dá sentido, sempre dependente de uma determinada ideologia. Isso explica porque a “mesma” palavra (p. ex. “turco”, “estrangeiro”, “imigração”) pode significar diferentemente quando usada em formações discursivas diferentes (p. ex. na Áustria e no Brasil).

Este resumo breve e superficial do que se entende por “discurso” e por “formação discursiva” na AD pode deixar a impressão de que se trate de aspectos correspondentes ou pertencentes a uma cultura ou a uma língua. No entanto, é importante ressaltar que não se deveria “pensar as formações discursivas como blocos homogêneos funcionando automaticamente” (ORLANDI 1999: 44). Muito pelo contrário, “elas são constituídas pela contradição, são heterogêneas nelas mesmas e suas fronteiras são fluidas, configurando-se e reconfigurando-se continuamente em suas relações” (ibid.). Assim, como qualquer cultura e língua, as formações discursivas não são unidades estáveis, são abertas e em constante mudança e deslocamento.

Um aspecto fundamental para entender o conceito de discurso é a ideologia. A AD não se orienta nem na tradição epistemológica que relaciona a ideologia a idéias como ilusão, distorção ou mistificação da suposta realidade (p. ex., Gottfried W. F. HEGEL, Karl MARX, George LÚKACS), nem na tradição sociológica que se interessa pela função das idéias na vida social (cf. EAGLETON 1997: 16). Nas palavras de John B. THOMPSON (1984), a ideologia é “os modos pelos quais o significado (ou a significação) contribui para manter as relações de dominação” (apud EAGLETON 1997: 19). Essa definição corresponde à visão de ideologia na AD que ORLANDI descreve como o “mecanismo estruturante do processo de significação” (1999: 96) ou como a “direção nos processos de significação” que “se sustenta no fato de que o imaginário que institui as relações discursivas é político” (1990: 36), ou seja, determinado por relações de poder. EAGLETON enumera seis “estratégias” de ideologia que cito a seguir, pois, no meu entender,

² ORLANDI (1999: 43) define a Formação Discursiva como “o que, numa posição dada em uma conjuntura sócio-histórica, pode e deve ser dita” e diz que “as formações discursivas representam as formações ideológicas e dão sentido às palavras” (ibid.).

correspondem à visão de ideologia da AD e, além disso, as considero relevante para minha análise:

Um poder dominante pode legitimar-se promovendo crenças e valores compatíveis com ele; *naturalizando* e *universalizando* tais crenças de modo a torná-las óbvias e aparentemente inevitáveis; *denegrindo* idéias que possam desafiarlo; *excluindo* formas rivais de pensamento, mediante talvez alguma lógica não declarada mas sistemática; e *obscurecendo* a realidade social de modo a favorecê-lo (EAGLETON 1997: 19).

As conseqüências dessas estratégias são denominadas, pela AD, a “evidência do sentido” que seria um “efeito ideológico” e não nos deixaria perceber o “caráter material” do sentido, a “historicidade de sua construção” (ORLANDI, 1999: 45). Ou seja, nos daria a impressão de que o sentido já está nas palavras e não é construído sempre pelo leitor que, por sua vez, está envolvido em uma determinada ideologia e faz parte de um discurso. A língua só significa porque acontece dentro de um discurso, e este, por sua vez, está determinado pela ideologia que relaciona a língua com a história. Assim, é através da língua que a ideologia trabalha e que realiza suas “estratégias” a serviço de certos interesses de poder.

Outro conceito essencial para discutir o LI é o de sujeito. A visão da AD a esse respeito é influenciada pelo deslocamento da noção de homem para a de sujeito, proposto pela psicanálise. ORLANDI mostra essa visão e a relação com a ideologia quando observa que “a ideologia [...] é condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” e “o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (1999: 46). É do interesse da ideologia não mostrar essas relações e chegar à “evidência de sujeito” que “apaga o fato de que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia” (ibid.), pois, dessa maneira, surge a visão do sujeito como origem de si mesmo e dos sentidos que produz, como plenamente consciente de si mesmo e independente de ideologia. Assim, escondem-se as relações de força, naturalizando crenças e sentidos. O que interessa para a AD é observar e analisar os processos de constituição de sentidos e de sujeitos e desvelar os mecanismos da ideologia para chegar à compreensão do funcionamento do discurso.

4. Türkische Spuren/Vestígios turcos³

[...] Das österreichisch-türkische Verhältnis ist [...] durch die Entwicklungen der letzten 30 Jahre von der historischen Ebene auf eine völlig neue – überaus problematische – gehoben worden. Bekanntlich stellen Türken ja das stärkste Ausländerkontingent im Lande, welches längst nicht mehr unter der Bezeichnung „Gastarbeiter“ firmieren kann. Es handelt sich nämlich realistisch gesehen um Einwanderer. Und zwar um solche, die aufgrund ihrer Kultur und ihrer islamischen Religion kaum vollständig in das traditionelle österreichische Kulturgefüge integrierbar sind.

Längst ist der Islam zur zweitstärksten Religionsgemeinschaft in Österreich geworden, stärker als die Protestanten. Längst gibt es Moscheen im Land, und an den Grundschulen gibt es neben den christlichen Religionslehrern muslimische Imame. Der Wiener Naschmarkt ist fest in türkischer Hand.

[...] kein vernünftiger Mensch fürchtet so etwas wie eine künftige türkische Staatsgründung im Herzen des Abendlandes. Allein aber die Existenz einer derart starken, noch dazu durch den Islam zusammengehaltenen Volksgruppe schafft Probleme genug (Neue Kronen Zeitung, 23 de novembro de 1999).

[...] Os desenvolvimentos dos últimos 30 anos levaram a relação austro-turca de um nível histórico para outro – que é extremamente problemático. Como se sabe, os turcos representam o maior contingente de estrangeiros no país e, há muito tempo, já não podem ser denominados de „trabalhadores convidados“. Trata-se, na realidade, de imigrantes. Trata-se de imigrantes que, por causa da sua cultura e da sua religião islâmica, dificilmente serão integráveis por completo na estrutura cultural tradicional da Áustria.

Faz muito tempo que o islã se tornou a segunda maior religião na Áustria, maior que os protestantes. Faz muito tempo que existem mesquitas no país e nas escolas primárias ensinam, junto com os professores de religião cristã, imãs muçulmanos. O “Naschmarkt” de Viena está inteiramente em mãos turcas.

[...] nenhuma pessoa sensata teme algo como uma fundação de um estado turco no coração do ocidente. Mas, a mera existência de um grupo étnico tão grande já causa bastante problemas, mais ainda como é um grupo que está unido pelo islã.

Este artigo, do dia 23 de novembro de 1999, trata da “relação austro-turca” que é o sujeito gramatical da primeira frase citada. O autor do artigo ocupa o lugar de interlocução de um austríaco e a partir dessa posição produzem-se efei-

³ Todas as traduções neste artigo são minhas.

tos de sentido que colocam os imigrantes turcos num LI diferente, inferior. Pode-se perceber que a “relação austro-turca”, o suposto tema do artigo, é reduzido a alguns comentários sobre a presença atual de turcos na Áustria. Ao discorrer sobre vários aspectos dessa presença, o autor deixa claro que atribui aos turcos que se encontram na Áustria um LI desprivilegiado. Mostra-se isso quando se observa que sua presença é chamada de “problema” duas vezes ao longo do texto e que eles são considerados como “não integralizáveis por completo”, que representam “a segunda maior religião na Áustria”, que “controlam” o “*Naschmarkt*” (a feira mais tradicional de Viena) e que são responsáveis pela construção de mesquitas nesse país, quase inteiramente católico.

Os turcos são vistos como um “problema”, o que se manifesta também na sua denominação como “*Einwanderer*” (imigrantes) e não mais como “*Gastarbeiter*” (“trabalhadores convidados”; os estrangeiros que, com base em convênios entre Estados, trabalham na Áustria ou na Alemanha). Diferentemente do Brasil, a palavra “imigrante” não aponta simplesmente para diferentes grupos e culturas da população atual do país, mas é associada, pelo menos no contexto do discurso xenófobo enfocado aqui, à ideia de problema. A Áustria tem, por certo, uma história marcada pela coexistência de diferentes culturas, sobretudo durante o Império dos Habsburgers. No entanto, é um país muito mais homogêneo que o Brasil onde, atualmente, se percebe uma valorização das diferenças culturais e religiosas dos diversos grupos étnicos que constituem a população. A “diferença” é vista, geralmente, como um aspecto fundamental para a identidade dos brasileiros – o que não acontece, nas mesmas medidas, na Áustria. Nesse país, a presença de um grupo étnico grande que é diferente da cultura dominante – caracterizada pelo catolicismo – é, muitas vezes, visto como o “outro” que assusta a cultura tradicional do país. A Áustria nunca foi um país colonizador. Embora tenha participado em algumas expedições e viagens para marcar sua presença nos países colonizados da América Latina, esses fatos não são relevantes para a imagem da própria história, como acontece, por exemplo, na França, na Espanha, em Portugal, etc. O país ficou, desse modo, na sua história recente, com poucos contatos culturais conflitantes até surgir o assim chamado “problema” que representa a imigração em massa, sobretudo de turcos, a partir dos anos 60.

Ao chamar a presença de turcos na Áustria “extremamente problemática”, o autor produz efeitos de sentido negativos para esse grupo étnico, que evidenciam o discurso e a ideologia xenófobos. Pode-se observar, ao analisar o artigo, as “estratégias de ideologia” (EAGLETON 1997: 19) com as quais o autor – conscientemente ou não – tenta naturalizar essa ideologia como se fosse óbvia. Ele não deixa

nenhum espaço para uma interpretação diferente à que ele tem sobre o tema, ou seja, exclui formas rivais de pensamento e apresenta sua avaliação como natural. No entanto, existem outros discursos em relação à presença de estrangeiros na Europa que chegam a interpretações contrárias dos “mesmos” fatos⁴. No caso da Áustria, pode-se observar que o discurso xenófobo está ligado às relações de poder político, ou seja, o discurso representado pelo jornal analisado – supostamente “independente” de qualquer partido político – está claramente relacionado ao discurso do Partido da Liberdade, partido da direita que nas últimas eleições nacionais obteve 26% dos votos e atualmente participa no governo federal. Essa relação com outro discurso chama-se interdiscurso.

5. O interdiscurso

ORLANDI (1999: 31) define o interdiscurso como a memória em relação a outro discurso, como “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente de, tudo que já foi dito, vivido, experienciado em relação a um determinado assunto”. Neste lugar, cabe um pequeno comentário sobre o interdiscurso que existe entre o discurso jornalístico que chamei de “xenófobo” e o discurso do Partido da Liberdade, cujo representante mais conhecido – inclusive aqui, no Brasil – é Jörg Haider.

Atualmente, Jörg Haider é governador do Estado da Caríntia e segue uma política que objetiva a restrição decisiva da imigração para a Áustria. Como um efeito prático dessa orientação pode-se mencionar o fato de que dos 8000 estrangeiros que, no ano 2000, receberam a permissão de imigrar

⁴ Cf., p. ex., o artigo “Catalunha deve ser salva da paranóia nacionalista” de Mario Vargas LLOSA de 4 de março de 2001, no ESTADO DE SÃO PAULO. Embora Vargas LLOSA não se refira à situação na Áustria, o artigo é um exemplo do discurso que tenta enfrentar aquele que denominei o “xenófobo” e oferece uma visão diferente da mesma problemática. Assim, evidencia que o aspecto “ameaçador” da imigração em massa na Europa não está implícito nos acontecimentos, mas surge a partir de um determinado discurso – o discurso “xenófobo”.

legalmente para o país, a Caríntia, governado por Haider, só acolheu 60 (existem, no total, nove estados na Áustria).

Para voltar ao assunto que nos interessa aqui, cito, a seguir, um trecho de um artigo do jornal já mencionado, *Neue Kronen Zeitung*, assim como de outro jornal, *Der Standard*, que – como já mencionei acima – tem uma orientação crítica em relação ao discurso “xenófobo”. Os dois artigos citam pronunciamentos de políticos do Partido da Liberdade (PL).

Kärntens Landeshauptmann Haider hat Alarm geschlagen, weil seiner Ansicht nach die Zuwanderung nach Österreich total ausser Kontrolle gerate. Schuld daran sei die EU, die “offenbar an einer beschleunigten Zuwanderung von Ausländern” arbeite. [...] Die Bekämpfung der illegalen Ausländerbeschäftigung liege in Österreich im Argen. Österreichweit seien damit nur 31 Beamte befasst. Bei Verstößen werde vorwiegend nur abgemahnt statt bestraft. Die neue EU-Familienzusammenführungs-Richtlinie würde die Zuwanderung vervielfachen. Neben Ehegatten und Kindern könnten auch weitere Verwandte bereits nach einem Jahr rechtmässigen Aufenthalts nachkommen. Im EU-Richtlinienvorschlag sei auch der freie Zugang zum Arbeitsmarkt für Ausländer ohne Wartefrist vorgesehen. Das Schengen-Konzept (EU-Grenzschutz) funktioniere nicht, weil von Italien immer mehr Illegale hereinkommen. Das Schlepperwesen explodiere. Nur 10% aller Illegalen werde aufgegriffen. (Neue Kronen Zeitung, 14 de dezembro de 2000)

Für Entsetzen [...] sorgt die von der FPÖ [...] im Alsergrunder Kolpingheim abgehaltene Wahlkampfveranstaltung. [...] Am Podium habe FP-Gemeinderat Nikolaus Amhof [gesagt]: Seine Partei werde dafür sorgen, dass der neunte Bezirk „ausländerfrei wird“. [...]

Andere Reden, in denen RFJ-Funktionäre Schulklassen mit zu vielen Ausländern beklagten und meinten, „das will ich meinen Kindern nicht zumuten, das bedeutet nicht Integration der Ausländer in der Klasse, sondern eine Integration der Inländer in eine multikulturelle Gesellschaft“, wirkten im Vergleich dazu geradezu harmlos. (Der Standard, 14 de março de 2001)

O governador da Caríntia, Jörg Haider, pôs-se em alarme, pois, na sua opinião, a imigração para a Áustria estaria totalmente descontrolada. A culpa seria da UE que, “pelo visto, está interessada em acelerar a imigração”. [...] A luta contra o trabalho ilegal de estrangeiros na Áustria iria de mal a pior. Em todo país só 31 funcionários se ocupam dessa tarefa. Na maioria das vezes, infrações receberiam apenas uma advertência, e não multas. As novas regras da União Européia para reunir famílias multiplicaria a imigração. Depois de um ano de permanência legal na Áustria, poder-se-ia trazer outros parentes, além dos parceiros e filhos. Na proposta de normas da UE,

constaria também o livre acesso dos estrangeiros para o mercado de trabalho, sem fila de espera. O acordo de Schengen (proteção das fronteiras da UE) não funcionaria, visto que cada vez mais ilegais entrassem através da Itália. O tráfico com imigrantes ilegais explodiria. Apenas 10% dos ilegais seriam detidos.

Um comício do Partido Liberal no Kolpingheim no bairro Alsergrund em Viena causou espanto. No palco, o vereador Nikolaus Amhof [disse]: seu partido ir-se-ia responsabilizar para tornar o bairro Alsergrund “livre de estrangeiros” [...].

Parecidas com o teor dessa declaração, outras palestras pareceram inofensivas, quando militares da Juventude do PL se queixaram de turmas da escola com muitos estrangeiros e observaram que não queriam exigir isso dos seus filhos, pois “isso não significa a integração dos estrangeiros na turma da escola, mas a integração dos austríacos numa sociedade multicultural”.

O primeiro artigo é um resumo de uma declaração de Haider e evidencia que seu discurso está relacionado a uma ideologia xenófoba que interpreta a imigração de estrangeiros na Áustria como “ameaça”, pois segundo Haider, “a imigração está totalmente descontrolada”; a União Européia gostaria de “acelerar a imigração”; a luta contra o trabalho ilegal dos estrangeiros não mostraria os efeitos desejados; depois de um ano no país, os estrangeiros poderiam não só trazer seus parceiros e filhos, mas também outros parentes; o acordo de *Schengen* (sobre a proteção das fronteiras da União Européia contra a imigração ilegal) não funcionaria, pois aumentaria cada vez mais a entrada de ilegais através da Itália e só 10% dos ilegais seriam detidos pela polícia. Como comenta o governador, os planos políticos da União Européia para o futuro ainda agravariam essa situação.

Esse discurso – atribuindo aos imigrantes um LI que representaria uma suposta ameaça para os austríacos – está em plena contradição com a prática política tanto da Áustria como da União Européia em geral, pois as limitações para a imigração aumentam a cada ano. Evidencia-se, aqui, a ideologia xenófoba que está relacionada com os interesses políticos do Partido da Liberdade. Pode-se argumentar que esse partido tenta, através do discurso, naturalizar, universalizar e tornar evidente os sentidos que marcam tal ideologia.

A atualidade dessa problemática mostra-se no segundo artigo que, além disso, representa um bom exemplo do discurso que rejeita veementemente a xenofobia. É citado um vereador do PL que teria prometido, se seu partido vencesse na próxima eleição, tornar o bairro *Alsergrund* em Viena “livre de estrangeiros”. Outro

orador do mesmo partido é citado ao declarar que não queria “exigir” dos seus filhos que assistissem às aulas na escola com crianças estrangeiras, pois “isso não significa a integração dos estrangeiros na turma da escola, mas a integração dos austríacos numa sociedade multicultural”. Dentro desse discurso apresentado, criticamente, no citado artigo, uma sociedade multicultural só pode ser vista como algo negativo – diferentemente do que acontece no Brasil, em qualquer discurso de qualquer partido.

6. Adaptação e deslocamento do lugar de interlocução

O discurso xenófobo, defendido por uma parte da população austríaca em relação aos imigrantes turcos mostra-se em inúmeros artigos no jornal analisado que destacam o papel de turcos em crimes de vários tipos. Essa relação estabelecida entre o fato de ser turco e o potencial criminoso supostamente inerente a todo turco pode ser vista como mais um aspecto que sustenta as “representações” ou “formações imaginárias” que o discurso xenófobo atribui aos turcos na Áustria⁵. O texto a seguir, do dia 31 de outubro de 1999, não trata, à primeira vista, de um assunto que relacione esses dois aspectos; uma análise evidencia, no entanto, que o discurso xenófobo discutido acima se manifesta tanto aqui quanto nos artigos que abordam diretamente essa relação.

Ein altes Miethaus in der Antonigasse in Wien-Währing. Eines, in dem “viele Ausländer” wohnen. Tatsächlich, sechs türkische Familien. Allerdings solche besonderer Art.

In diesem Haus leb[t] auch [...] eine Frau, die ein schweres Rückenleiden hat und selbst nicht mehr viel erledigen kann im Haushalt. Die Türken – „Sie sind allesamt berufstätig“, schreibt mir Herr L. – sagen „Oni“ zu ihr und helfen ihr.

Als die Frau kürzlich ins Spital musste, wurde sie täglich von Türken besucht.

⁵ Nesse contexto, é interessante observar que o PL colocou, em todos os lugares de exposição, lado a lado dois tipos de cartazes na campanha eleitoral de Viena, na primavera de 2001: o primeiro tem como destaque a palavra “Ausländer” (estrangeiros), o segundo “Kriminalität” (criminalidade) (cf. DER STANDARD, 14 de março de 2001).

Im Haus in der Antonigasse aber geschah unterdessen folgendes. Die Türken räumten die Wohnung der kranken Frau aus und rollten die alten Teppiche zusammen. Dann schrubbten sie den Boden, klopfsten, wuschen und trockneten die Teppiche im Hof [...]. Als „die Oni“ [...] wieder heimkam, wurde sie stürmisch begrüßt. Dann hat sie ihre Wohnung betreten, hat alles gesehen, hat gespürt, dass diese Menschen sie lieben – und ich glaube, am Abend im Bett hat sie ein bisserl geweint auf Rührung. Verdammt, es gibt Tag für Tag wirklich üble Geschichten zu lesen über gewisse ausländische Mitbürger. Aber man sollte wirklich nicht alle in einen Topf werfen (Neue Kronen Zeitung, 31 de outubro de 1999).

Um velho prédio de aluguel no bairro Währing em Viena. Um daqueles onde moram „muitos estrangeiros“. Efetivamente, seis famílias turcas. Mas, são famílias especiais.

Nesse prédio mora também uma senhora com graves problemas na coluna e que já não consegue cuidar de tudo em casa. Os turcos – “todos trabalham” me conta o senhor L. – chamam-na “a vovó” e ajudam-na.

Quando a senhora foi internada no hospital pouco tempo atrás, recebeu visita dos turcos todos os dias.

Ao mesmo tempo, no prédio na Rua Antoni aconteceu o seguinte: Os turcos arrumaram o apartamento da doente e enrolaram todos os velhos tapetes. Depois lavaram o piso, bateram, lavaram e secaram os tapetes no quintal [...]. Quando “a vovó” voltou, foi recebida impetuosamente. Entrou no seu apartamento e viu tudo, sentiu que essas pessoas a amassem – e, eu acredito, de noite chorou um pouco na cama, por comoção.

Pô, dia a dia lê-se histórias realmente negativas sobre certos cidadãos estrangeiros. Mas, não se deveria julgar todos iguais.

Neste artigo, evidenciam-se algumas conseqüências do discurso xenófobo. Em primeiro lugar, observa-se que o autor divide os estrangeiros/turcos que moram na Áustria em dois grupos. O primeiro, ao qual pertencem os protagonistas deste texto, são “especiais”, pois todos são empregados e amáveis com a “vovó”. O segundo grupo é responsável pelas “histórias realmente negativas” que se lê “dia a dia” nos jornais. A avaliação deste segundo grupo corresponde à análise que fiz do primeiro artigo e aponta para o LI desqualificado atribuído aos turcos no país. No entanto, em relação ao primeiro grupo, pode-se perceber um deslocamento no LI, na medida em que os imigrantes turcos se aproximam de uma posição menos ameaçadora, pois trabalham e adotam um comportamento não só amável, mas quase submisso em relação aos austríacos. Acontece, assim, um deslocamento do LI, porém a inferioridade desse LI se mantém, pois o autor deixa claro que se trata de uma “exceção”. Dessa maneira, embora fale positiva-

mente sobre alguns turcos, o artigo não contribui para uma possível mudança do discurso negativo vigente em relação a pessoas dessa nacionalidade que se encontram na Áustria.

Ao mostrarem um comportamento “submisso”, acontece um deslocamento do LI dos imigrantes que os coloca numa posição menos desfavorável. Há de mencionar que um austríaco, obviamente, não precisaria mostrar tal comportamento para se manter na sua posição privilegiada, ou seja, para diminuir a distância entre seu LI e o de um austríaco, o turco precisa comportar-se de uma maneira que, por um lado, se aproxima da cultura e da ideologia dominante, mas, por outro lado, se mantém numa posição menos privilegiada, pois submissa.

7. Conclusão

Ao entrar em contato com falantes de alemão e sua cultura, o sujeito-aprendiz de alemão com LE deve ter consciência do contexto político-histórico no qual se insere esse encontro. No caso dos países de língua alemã, a situação política está, há anos, marcada por discussões em torno da questão da imigração de estrangeiros, tratando-se, na maioria dos casos, de turcos.

Assim como os brasileiros se encontram num LI desprivilegiado em relação aos alemães (cf. BOLOGNINI), os imigrantes turcos, também, falam, sobretudo em situações de contato marcadas por um discurso xenófobo, a partir de LIs desqualificados – embora por razões históricas diferentes. Para o sujeito-aprendiz brasileiro, esses fatos têm importância na medida em que as discussões sobre a presença de estrangeiros fazem parte da atual situação sócio-histórica tanto da Áustria como da Alemanha. A partir do pressuposto de que perspectivas sócio-históricas devem ser incluídas ao preparar o sujeito-aprendiz para falar uma LE, a temática discutida aqui não deve ser desconsiderada em sala de aula, pois seria problemático negligenciar um tema tão importante e polêmico como a presença dos turcos na Áustria ou na Alemanha.

No entanto, no meu entender, o simples contato com uma outra história ou com uma outra cultura por meio da LE não é suficiente para promover modificações no LI dos sujeitos envolvidos, como sugere BOLOGNINI (1999a: 330), pois existem relações de força no meio político e econômico que exercem um

forte poder que trabalha através da ideologia. Essa ideologia desvaloriza idéias que possam desafiar-la, como já observou EAGLETON (1997: 19). Mas, sem dúvida, discussões a respeito das constituições históricas ou políticas dos LI são valiosas, pois podemos, para usar novamente as palavras de ORLANDI (1999: 9), “desenvolver uma relação menos ingênua com a linguagem. Se isso não levar a uma mudança do discurso xenófobo defendido por uma parte da população austríaca ou alemã, pelo menos pode inspirar uma atitude ou reflexão crítica dos aprendizes de alemão a esse respeito.

Referências bibliográficas

- BOLOGNINI, Carmen Zink. “Relações de contato entre Brasil e a Alemanha: Análise de arquivos e da conversação”, In: *RUNA – Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos*. 1996, vol. 26, Band 2, 863-869.
- _____. “A história e a ideologia nas relações de contato entre Brasil e Alemanha: contribuições para o ensino de uma língua estrangeira”, In: *Pandaemonium Germanicum – Revista de Estudos Germânico*. Humanitas, 1999^a, vol. 3, n. 1, 315-331.
- _____. “O poder definindo a cultura”, In: *IV Congresso Brasileiro de Professores de Alemão – IV. Brasilianischer Deutschlehrerkongress*, ANAIS, Curitiba, 1999b, 107-110.
- EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução* (traduzido por Luís Carlos BORGES e Silvana VIEIRA), São Paulo, UNESP/Boitempo, 1997.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Terra à vista!: discurso e confronto: velho e novo mundo*. São Paulo, Cortez, Campinas, S.P., Editora da Unicamp, 1990.
- _____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, S.P., Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, Michel. “Análise automática do discurso”. In: GADET Françoise & HAK Tony. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (traduzido por Bethania S. MARIANI et. al.), Campinas, Editora da UNICAMP, 1990.